ANNO I — S. João d'El-Rei, 11 de Outubro de 1885 — N. 4.

O DOMINGO

PARA A CIDADE
Anno . . . . 6$000
Semestre. . . . . 3$000

Redactores — Jorge Rodrigues e José Braga

PARA FÓRA
Anno . . . . . . 6$000

Escriptorio e officinas — Rua do Duque de Caxias, 54

SUMMARIO

EXPEDIENTE

São correspondentes d'*O Domingo*: — Em Ouro-Preto, Alfredo Guernier; na Victoria, Antonio Joaquim Rodrigues Junior; no Rio-Novo, Candido Virgilio de Albuquerque; com os quaes poderão se entender os nossos assignantes d'essa cidade.

O DOMINGO

S. João d'El-Rei, 11 de Outubro de 1885.

Quid Cesaris Cesari.

Desta vez é impossivel fazer recahir sobre o typographo a responsabilidade de um erro commettido. O autographo, o corpo de delicto, cá está, protestando com energia e . . . *garatujas* em favor dessa classe laboriosa, tantas vezes injustamente accusada.

E'o caso:

Em nosso numero passado, congratulando-nos com nossos assignantes, pela brilhante acquisição que fizemos, sendo nos dado incluir no numero de nossos collaboradores o eximio poeta Raymundo Corrêa, o *maestro* das *Symphonias*, em vez de *collaboradores* sahio-nos da penna a palavra *assignantes*.

Foi nosso o erro, confessamos, porem nada mais natural.

Expliquemo-nos:

O numero de assignantes de uma folha não augmenta na razão directa da qualidade de seus collaboradores?

Dizer bons collaboradores não equivale a dizer — *grande numero de assignantes?*

Foi o que se deu: emquanto escreviamos, o nosso espirito *dividia-se*, ficando parte a auxiliar-nos em nosso trabalho e parte a trabalhar por conta propria — o financeiro! — castellando sobre o futuro administrativo da empreza!

D'ahi a errata, que terá parecido estranha a alguns dos nossos leitores, a qual nos apressamos em corrigir, repetindo jubilosamente: «Raymundo Corrêa nos auctorisa a declarar que fará parte do numero meticulosamente escolhido de nossos — collaboradores. —»

A Redacção.

«O Paiz»

Um anno de existencia completou no dia 1º do corrente este magnifico jornal, laureado defensor dos principios sãos, inclyto legionario das grandes idéas do seculo, onde se espraiam o talento fecundo e o vasto saber de Quintino Bocayuva, elevando a imprensa brasileira à honrosa altura em que ella se devia sempre manter.

Discutindo com largueza de vistas, com interesse patriotico e a mais louvavel imparcialidade todas as questões que se movem no paiz; verberando em nome da Justiça os escandalos e as irregularidades do serviço publico; louvando o que é bom e honesto; acoroçoando as grandes iniciativas de cuja realisação depende o engrandecimento da patria; interpretando, finalmente, com toda a dignidade e com toda a dedicação sua missão elevada e nobre; — *O Paiz* tem sido um luminoso exemplo do verdadeiro jornal serio, proveitoso e util.

Se elle ha conquistado o renome glorioso que o cerca, é pelos alevantados meritos que apresenta, pelos importantes serviços que tem prestado à sociedade que o lê e applaude todos os dias, pela superioridade de vistas com que aprecia a nossa alta politica, — apontando-lhe os immensos defeitos e as reformas de que necessita, e, de resto, pela dedicação provada com que sustenta os principios democraticos em cuja base hade se firmar a politica brasileira, se quizer subir e se quizer engrandecer-se.

Na imprensa diaria da capital do imperio nenhum outro jornal vence ao de Quintino Bocayuva na elevação dos conceitos quando discute, no primoroso estylo em que escreve, na verdade das doutrinas que defende com a força da eloquencia e com a eloquencia da mais desinteressada convicção.

N'*O Paiz* vê-se sempre o resultado do estudo consciencioso, da observação cuidadosa, do amor à verdade, do patriotismo sincero, do interesse, em summa, que tem o seu redactor em moralisar o jornalismo brasileiro e delle fazer uma das forças dirigentes do nosso meio social.

Receptaculo das concepções de uma alma generosa, de um espirito adiantado e honesto, essa folha

o ente idolatrado . . . A viração accorda
lembranças de um perfume activo, agreste e quente,
das negras tranças d'ella ; — a lua, — meigamente,
relembra o seu olhar num raio que enlanguece
e, as vezes, numa estrella um riso transparece
que nos semelha o seu, — o riso que fascina
brincando a illuminar-lhe a bocca pequenina !

Quer-se erguer, quando longe, em toda a natureza,
nas ledas expansões, nas horas de tristeza,
nos risos da manhã, nas lagrimas da tarde. . .
o altar de uma lembrança, onde se adore e guarde
a deusa que nos prende a alma ás seducções.
E ahi, prostrado, humilde, a rir entre os grilhões,
sagrar-lhe um culto santo, a adoração que exprime
o delirio, o fervor de um grande amor sublime!
—Scismando, me parece ouvir — consoladora —
a tua voz suave e casta ;— inspiradora —
a tua fronte eu vejo, e sempre, a todo instante,
sorrir-me como outr'ora, altiva e deslumbrante!

Mas, logo a phantasia afoga-se nas magoas . . .
onde — como um batel a se quebrar nas fragoas —
meu ideal se lança, e cae, e se espedaça . . .
— Fatal como o Destino, o braço da Desgraça
apunhala-me a crença, a força, a mocidade . . .
e arroja-as num sepulchro : — o abysmo da SAUDADE !

JORGE RODRIGUES.

A nosso respeito

Como prova do nosso reconhecimento, ainda hoje reproduzimos as honrosas palavras de animação, que nos têm dirigido varios illustres collegas :

Opinião d'*A Provincia de Minas*

« *O Domingo*.— De S. João d'El-Rey chegou-nos uma agradavel novidade litteraria, digna de saudações sympathicas e animadoras: — o primeiro numero d'*O Domingo*, semanario exclusivamente consagrado ás lettras e que alli surgio a 20 do corrente, sob a direcção e redacção de dois moços trabalhadores e talentosos.

O primeiro delles — Jorge Rodrigues, é já bem conhecido e festejado no paiz, como uma das vocações poeticas da nova geração mais ricas de seiva, um estylista primoroso, espirito alevantado e culto, alma aberta a todos os grandes e generosos sentimentos, n'uma palavra o poeta inspirado das mimosas *Fugitivas*.

O segundo—José Braga, comquanto só ha pouco começasse a revelar os dotes de sua bonita intelligencia, é tambem um joven esperançoso a quem o futuro certo reservará invejaveis laureis.

Sob a redacção destes distinctos moços, abre m-se sem duvida a *O Domingo* horisontes dourados, promissores de gloriosas messes, na ceifa dos operarios da ideia ao mesmo tempo semeadores de suaves consolações para as almas des alentadas no rude batalhar da vida.

Cubra o publico de flôres as frontes dos jovens paladinos ! Nós, seus admiradores e amigos, os saudamos de coração. »

Do *L'Italia* : *O Domingo*.— E' o nome de um novo jornal litterario, que vio a luz no dia 20 de Setembro, na pittoresca cidade de S. João d'El-Rei.

E' do formato da *Semana*, elegantemente impresso e excellentemente redigido pelos intelligentes jovens Jorge Rodrigues e José Braga. Um dos nossos companheiros de trabalho, que conhece particularmente os dous distinctos redactores, o primeiro dos quaes é um cultor enthusiasta da lingua italiana, assegura-nos que esses dous nomes são uma firme garantia da futura prosperidade do novo jornal.

E' o que augura sinceramente o *L'Italia* ao sympathico *Domingo*. »

Do *Parahyba* (*Guaratinguetá*)

« *O Domingo*. E' uma interessantissima revista, litteraria, que sob a redacção de Jorge Rodrigues e José Braga, acaba de apparecer na cidade de S. João d'El-Rei.

Jorge Rodrigues, o mavioso cantor das « Fugitivas », já é bastante conhecido dos nossos leitores e quanto ao seu companheiro, José Braga, no nosso proximo nº. daremos uma producção sua, para que o publico possa aquilatar do seu talento.

O Domingo é um jornal nas condicções da *Semana*, e si não pode offerecer aos seus assignantes as vantagens d'este importante periodico, garante-lhes, todavia agradaveis horas de leitura, com os bellos e inimitaveis versos de Jorge Rodrigues.

Emfim : si o leitor quer mesmo saber o que é o *Domingo*, chegue até este escriptorio, e tome uma assignatura por um anno... 6$000, uma bagatella. »

Do *Parahyba* (Parahyba do Sul)

« *O Domingo*. Fomos distinguidos com a visita do 1º. numero d'*O Domingo*, hebdomadario critico e litterario, que, rutilante de talento e interesse, acaba de exhibir-se no seio da illustrada imprensa mineira.

E' seu berço a cidade de S. João d'El Rei, e são seus redactores Jorge Rodrigues e José Braga, dous nomes já vantajosamente conhecidos na provincia das lettras »

Aqui o collega transcreve uma parte do nosso artigo inicial.

« A promessa é cheia de attracção », estamos certos, será escrupulosamente cumprida pelos directores mentaes d'*O Domingo*, a quem sobram as enegias pujantes da mocidade, os vigores do talento e o enthusiasmo da crença.

Ao collega enviamos um fraternal aperto de mão, ambicionando-lhe uma existencia longa e juncada de louros »

Secção das senhoras

EM QUE PARAM AS MODAS...

Nos ultimos jornaes e figurinos, que nos vêm do estrangeiro, nada se encontra, positivamente, de grande novidade. Apenas uma ou outra alteração das modas que appareceram ha pouco mais de um anno, ou alguma *volta* das velhas conhecidas de outros tempos.

O setimo numero d'*A Estação* traz uma *toilette* para passeio, de muito gosto. E' um costume com arregaço em *panier*, feito de fazenda de lan e seda de furtacores castanho e amarello dourado, e tecido com o mesmo fundo semeado com grandes flores castanho dourado.

A saia é plissè com pregas bastante largas, e a prega, composta de dous pannos de 90 cent. de largura sobre 125 cent. de cumprimento, é ajustada com umas grandes pregas na cintura e arregaçada por meio de alguns pontos; cerca-se com dous reversos de uma fazenda de desenhos, talhados em ponta e segurando o puff de ambos os lados da saia.

Levantado no meio, adeante e de ambos os lados, tem um bonito avental panier, de muito bom effeito. O corpo é afogado, com aba curta e chanfrada adeante, muito plissè atraz, embaixo do talhe.

Este corpo pode-se tambem fazer aberto sobre um collete liso e abotoado somente na cintura.

Vimos tambem uma saia de vestido para costume de viagem, que pela sua simplicidade elegante bem merece a attenção das nossas leitoras.

cia que nos dispensou o collega, estampando aquelle modesto escripto em suas columnas de honra e, ao mesmo tempo, não deixamos de exprimir o mais intimo sentimento pelo desaccordo, que lhe aprouve declarar a respeito das opiniões que emittimos.

Reputamos uma verdade tão inconcussa, uma idéa tão provada e obvia o thema desenvolvido nas limitadas proporções d'aquelle ligeiro artigo, que a contestação do collega, — a cujo adiantamento intellectual prestamos devido preito —devéras nos sorprehendeu.

Deve-se estabelecer um parallelo entre os pontos de vista das duas entidades de que nos occupamos; apreciar o esforço heroico de um e a quasi indifferença de outro; attender ás exigencias da vontade nacional no tempo de cada um delles; e, feito isto, não se poderá deixar de tirar as conclusões que tiramos, relativamente ao projecto Rio Branco e ao projecto Saraiva.

Aquelle concretisava um exemplo de humanidade e uma nobre aspiração de acendrado patriotismo, ao passo que este não representa mais do que a obra funesta e incongruente de uma politica mal interpretada e de politicos interessados menos pelas ardentes reclamações justas e generosas da patria, que pelos direitos particulares de uma classe privilegiada.

Estimariamos bem ouvir os conceitos d'*O Provinciano* sobre este magno assumpto. Illustrado como é o digno collega, do desenvolvide suas idéas teriamos, por certo, muito a aproveitar.

A distincção que lhe mereceu o nosso artigo dá-nos prova bastante expressiva de que não é tão profundo o nosso desaccordo; e isto é motivo bastante para exclamarmos com extrema alegria:

Ainda bem!

AUSENCIA

AO AMIGO DR. JOAQUIM RIBEIRO

. . . . io non ò nulla
Da inviarti, o gentil, tranne quest'una
Foggevol armonia . . .

A. ALEARDI

Irrompem-me do peito as sensações terriveis
d'aquella dor que vem dos sonhos impossiveis.
Um como desalento escuro, ingente e forte,
me envolve os ideaes em frios véos de morte . . .
Que magoa me assoberba e encobre-me as bonanças
do claro céo azul das minhas esperanças?
E' a crença que me foge? — as roseas phantasias
que mudam-se em crueis, medonhas agonias?
E' o fogo juvenil que já não mais crepita
Em sonhos de porvir?
E' dor feroz que excita
o grande desespero insano, que enlouquece,
que rouba á intelligencia a luz que fortalece;
immenso padecer, que punge lento e lento
como remorso . . . e vai por todo o pensamento
correndo um véo sombrio, um véo espesso, enorme,
que obumbra as illusões . . . A crença que não dorme
em coração de moço — esmaga fibra a fibra
o estranho soffrimento! — O sol que os raios vibra
nos vastos arraiaes da juventude, a chamma
que o cerebro illumina e a inspiração inflamma,
o sonho, a flor, o encanto, o riso, as expansões
da seductora idade, as mil aspirações . . .
—tudo se esvae, succumbe, acaba-se, fenece,
quando esta horrivel dor no intimo apparece,
a dor—que nos transforma em tréda infelicidade
os gozos do existir e chama-se — SAUDADE!

E' ella quem me estende uns lugubres sendaes
por sobre as claridões das minhas esperanças.
O' rouxinoes do amor, ó avesinhas mansas!
os hymnos de prazer já vos não ouço mais . . .

A's vezes, quando o dia — em turbilhões de luz —
descamba no horizonte, a brisa me conduz
em flebil soluçar um canto de agonia,
que murmuraes alem . . . na profundez sombria . . .
mas, logo emmudeceis.— Abandonais-me, acaso,
hoje que no soffrer, na pyra em que me abraso,
tanto de vós preciso? Acaso o doce canto,
que abranda-me o supplicio e me consola tanto
negais-me? Este silencio aterra-me. Cantai!
Eia! saudai a aurora, ás amplidões . . . saudai!
vivei! cantai! sorride! alegres, feiticeiras,
avesinhas do amor, ó minhas companheiras!

Meus louros ideaes se escondem na espessura
da selva inculta e fria; a musa em vão procura
trazel-os ao meu lar, aonde a pobre lyra
não passa um só momento, um só, que não desfira
assim como um chorar de doida anciedade
um thréno angustioso, um canto de saudade . . .

Nos erradios sons harmonicos dos ares,
nos plainos do infinito e — no bramir dos mares,
nos aromas subtis . . . no bosque . . . na campina,
em tudo o pensamento escuta, sente, ou grava
esse amor triumphante — a quem noss'alma escrava
uniu-se para sempre!
O amor sincero é assim.
De longe mesmo impera altivo, audaz, sem fim.
— Ora traz-nos a febre, os impetos selvagens,
ora a scisma que eleva ás ideaes paragens . . .
E então, no meditar saudoso e entristecido,
o nosso olhar se espraia ao longe . . . embevecido . . .
prescrutando o infinito, — e tudo lhe recorda

E' uma saia á camponeza, muito propria para viagem em estrada de ferro. Cercada por um estreito plissé excedendo, fechada de um lado por meio de botões e de botoeira, ajusta-se a plano adeante e atraz, e cose-se com grandes pregas dispostas regularmente umas apoz outras, verticalmente, e seguras no interior por um ponto atado e mais abaixo por dous cordões cosidos em cada prega.

A saia plana adeante, abotoada de lado, tem 4 metros de roda sobre 106 cent. de cumprimento; as pregas atraz tem 8 cent. de cumprimento e são cosidos por meio de um ponto serzido.

Deve-se fazer esta saia de fazenda de lã, sem nenhuma guarnição a não ser a carreira de botões de metal.

Outra *toilette* muito moderna, que tambem nos agradou sobremaneira, foi um costume com arregaço levantado, que *A Estação* descreve do seguinte modo:

A saia plisse de setim côr de granada é cercada, a 4 cent. da parte inferior, com uma tira clara de estamenha estampada de floresinhas e cercada por uma fita estreita de velludo azul ferrete: o corpo afogado e a tunica são de estamenha, o primeiro forrado de setim côr de granada com um ornamento de velludo escuro na parte inferior das mangas. A tunica faz-se de um só pedaço e ajusta-se adeante no cinto da saia, debaixo de um velludo largo, simulando um cinto na beira do corpo; é plissé com cabeça e segura-se na parte inferior do talhe, em ponta, atraz, sendo que estes franzidos acabam por meio de fitas de velludo largas, azul ferrete e de fitas de reps côr de granada, que se atam. Ambos os lados da tunica são voltados para dentro, e deste modo formam lindos canudos de orgam.

Continuaremos a dar quinzenalmente ás nossas leitoras a discripção das trez *toilettes* mais bonitas que encontrarmos na *Estação*, *Moda illustrada* e outros jornaes de modas, que formos recebendo.

LAMBREQUINS

—Doutor, soffro immenso da gota; que me receita?

— Viver com tres tostões por dia, e ganhal-os.

— Que relogio bonito! Quanto te custou?

— Não sei. O relojoeiro... estava a dormir.

—

No tocador.

Uma dama faceira, pondo nos lustrosos cabellos excellente pomada de jasmins:

— Que magnifica pomada... Parece mesmo estar a gente a pôr na cabeça—jasmins em pessoa!

—

Calino, acabando de ler o *Diario de Noticias*:

Não ha logar onde aconteça tanta cousa como neste mundo!

Os doidos de Paris

D'ESTE conhecido romance francez extrahio o Sr. Ernesto de Mello um drama em tres actos e sete quadros.

Conhecendo o gosto das nossas platêas, o extractor soube apanhar com grande habilidade as situações mais interessantes e as scenas de mais effeito do romance, tornando, dest'arte, o seu drama attrahente e capaz de obter successos.

O enredo desenvolve-se perfeitamente, as scenas se succedem com toda a regularidade e os caracteres dos personagens estão bem sustentados.

Diz-nos o Sr. Mello que dentro em breve publicará em folheto OS DOIDOS DE PARIS.

Com aquellas qualidades não se pode deixar de prenunciar a esse drama muitos applausos e muitas REPRISES.

Sobre a meza

A Semana, n. 40. Como sempre muito variada; artigos escolhidos; uma suave poesia de Filinto d'Almeida, mimosa, encantadora.

Accusando a recepção do nosso segundo numero, distingue-nos com uma noticia demorada, prova do quanto O *Domingo* «lhe interessa e lhe é sympathico.» Confessamo-nos, ainda uma vez, penhoradissimos á gentileza do illustre collega «mais velho e quasi pae.»

Referindo-se ao nosso artigo— *Imitação* — *A Semana* acha-o demasiado severo e exagerado nos conceitos, e pergunta:—«Como quer o collega que nós, povo sem litteratura definida, sem educação, sem vida litteraria nem artistica, *inventemos* novos generos?»

Não falámos em inventar novos generos; unicamente protestámos contra a imitação em excesso.

Julgamos, entretanto, que justamente por não termos litteratura definida é que deviamos tratar de inicial-a, competindo aos mais adiantados, a esses bons litteratos a que o collega se refere, collocados já em altos pedestaes,—promover a educação litteraria de que necessitamos.

E devem fazel-o, escrevendo obras serias, imprimindo uma direcção por meio de ensinamentos que demonstrem resultado de consciencioso estudo e elaboração criteriosa; orientando os neophitos; despertando o gosto; desenvolvendo, emfim, essa educação por e para as artes com o proveito de trabalhos uteis, que tenham um cunho original, isto é, que indiquem a physionomia propria de cada um.

O argumento do illustrado collega faz-nos lembrar a resposta que dão certos monarchistas brasileiros aos que lhes falam em republica.

—O governo democratico, dizem elles, é muito bom, é perfeito, é vantajoso; mas, o povo está atrazado, muito ignorante, não poderá manter a sua autonomia...

E não tratam de educal-o, nem de facilitar-lhe os meios de instrucção, para que elle possa comprehender seus direitos, seus deveres e gozar de um bom governo!

— Pois se todo o paiz deve ter educação litteraria e artistica, não será tempo de ir o Brasil procurando ter a sua?

E se temos litteratos que dispoem de physionomia propria—e não precisam de imitar— não devem ir, desde já, apresentando o esforço poderoso de seu talento e de sua illustração com o

fim de emprehender a obra grandiosa da nossa emancipação intellectual?

O collega bem viu que nós não ignoramos ter esses bons poetas e prosadores de que fala, e com elles contavamos quando escreve nos:

«intentem os escriptores laureados, os provectos competentes o inicio da propaganda benefica (contra a imitação *á outrance*).

Temos fatalmente de suffrer a influencia da litteratura franceza e tambem um pouco a da portugueza,— mas, parecia-nos que não nos deviamos entregar servilmente a essa influencia, que deviamos *crear* alguma cousa, definir um pouco a nossa litteratura, e com esse intuito foi que appellamos para as lições e para os exemplos dos consagrados mestres na republica das nossas lettras.

No soneto *Pleno dominio* nota o collega o primeiro verso frouxo e chôcho.

Não se deve fugir á critica sensata, nem á verdade de uma opinião emittida com *paternal* franqueza.

O verso está realmente chôchissimo e a ao espirito attribulado do seu autor, no momento em que o escreveu, se pode attribuir que deixasse passar semelhante defeito.

Aceitamos a lição e sirva ella de exemplo a uns tantos poetastros do nosso conhecimento, que ficam todos embezerrados, quando pedem opinião sobre os sonetos barbaros que perpetram e não recebem elogios e applausos....

O verso:

— *Todo o espaço* que minh'alma abria

está frouxo. Vem um collega mais adiantado, mais *velho*, nol-o diz francamente. Verificamos e o collega tem razão; para que diabo havemos de ficar aqui todo amuados? O autor do soneto ate envia um aperto de mão ao collega d' *A Semana*.

Agora quem não vinha ao caso era *O Diario de Noticias*, o nosso generoso amigo *Diario*. Se elle nos dirigio algumas amabilidades, o collega deve saber muito bem que a amizade, as vezes, cega e faz-nos encontrar grandes merecimentos em quem de facto os não possue.

Somos principiantes, precisamos de quem nos dê coragem. O collega mesmo não attendeu a isso, quando em dia dispensou-nos umas palavras de benevola animação?

Sentimos a critica mordaz e acerba, que o collega fez ao nosso illustrado collaborador dr. W. Badaró. Porque, afinal, nisso de estylos não se pode exigir tudo... Cada qual dispõe do seu. Vemos por ahi muitos escriptores gongoricos, que nem por isso deixam de ter merecimento e de obter acceitação e louvores da imprensa adiantada.

O Contemporaneo — N. 1. Folha republicana, que acaba de apparecer em Ouro-Preto. Defende bem as suas theorias e é nitidamente impresso.

Parahyba, de Guaratinguetá. Como orgam conservador dirigido por afamadissimo poeta, não se pode exigir mais.

Diario Popular. S. Paulo. Redactor o notavel jornalista Americo de Campos. Só recebemos o n. 266, que vem muito interessante.

Correio Mercantil, tambem dessa capital. N. 217. Redactores, Gaspar da Silva e Léo de Affonseca.

Muito sympathico.

L' Italia. Orgam dos interesses italo-brasileiros. Um bom jornal.

Agradecemos as amaveis visitas de tão dignos collegas.

Revista dos novos ns. 1 e 2. Dedica-se a litteratura e é habilmente redigida por José Feliciano, barão de Piratininga, W. de Queiroz, Olympio Catão, dr. Aristides Serpa, Arthur Breves, dr. Alcibiades Uchôa e outros. Traz artigos de bôa e fluente prosa e bellissimos versos.

Tem o formato da nossa folha.

Impressão nitida. Saudamos ao distincto collega e retribuimos penhoradissimos a amabilidade da visita.

—Prospecto do *S. João d' El-Rei*, semanario politico, noticioso, instructivo e commercial, que deve apparecer brevemente nesta cidade. E'orgam do partido liberal. Redactor, o Sr. professor Francisco de Paula Pinheiro.

Desde já affirmamos ao futuro collega que o nosso desejo é vêl-o brilhante e prospero, alcançando victorias entre os luctadores da imprensa criteriosa e seria, pugnando por uma idéa sem ferir individualidades, defendendo principios sem offender as alheias opiniões, trabalhando pelos proprios interesses sem esquecer os interesses sociaes de que a imprensa deve ser defensor constante e extremado.

Estamos certos de que o nosso collega não seguirá outro rumo, e esperamol-o com todo o prazer, porque é motivo de justa alegria ter-se mais um bom companheiro de armas nesse renhido combate, que a imprensa fere contra o atrazo intellectual do povo.

Leopoldinense — Um jornal variado e interessante. Mas... a noticia que dá a nosso respeito, está assim com ar de quem não leu *O Domingo*:

« Orgam de publicidade *litterato* e *noticioso* » Litterato e noticioso! Oh! collega, por quem é...

Morte no tempo

—

As questões do numero passado são: *Logogripho* — Quem desdenha quer comprar — Charadas:

Em quadro

A Z A R
Z E R O
A R A L
R O L A

Telegraphicas — *Atona, Solo, Lobo.*

Os *Srs.* Francisco Honorio de Oliveira, Dr. Moreira Mourão e Olivier acharam que a 1ª telegraphica era *Marasmo*.

Tiveram razão, porque a charada se presta a 2 decifrações, mas... não tiveram o premio.

Os Srs. Paulo Teixeira e José de Rezende da mesma forma, decifraram a 1ª telegraphica, tendo por essa razão... razão apenas.

Para que, entretanto, não se deem mais destes factos, Tong-Kong-Sing declara que nas charadas telegraphicas não empregará palavras no plural. Fica entendido.

Continúa, pois, o mesmo premio — *Miniaturas*, de Gonçalves Crespo — a fazer as honras da secção.

Para hoje:

LOGOGRYPHOS

(POR LETRAS)

Sou vegetal—6 — 5—3 —12 —7
Sou vegetal—6 — 2—9 —8 —5
Sou vegetal—10—8—10
Sou vegetal—4 —13—11— 1—7

SOU VEGETAL

Hong--Hong

Mulher 6—5—7—9—10— 8—11
Mulher 8—6—3—9— 6—10—11
Mulher 9—2—3—1— 5— 9— 6
Mulher 11—8—5—9—11—10— 6
Mulher 1—7—9—2— 6—
Mulher 11—3—6—7— 9— 6
Mulher 4—7—3—9— 5—11
Mulher 6—7—8—8—10—6
Mulher 2—6—5-11—
Mulher 7—9—10-6—
Mulher 3—6—5—9—11
Mulher 11—3—4—7— 9— 6
Mulher 9—8—6—7— 9—10—11
Mulher 1—5—3—4— 7—9—10—8—6

—MULHER—

F. Honorio

TELEGRAPHICAS

Marmelada é doença 4
Namoro é arma 3

NOVISSIMAS

A bebiba foi condemnada pelo artigo peixe 1 1 1

Segura sem mais ninguem o cavallo 2 1

Trabalhem, porque *labor omnia vincit.*

Tong Kong SING.

CORRESPONDENCIA

Sr. A. José —(Ouro Preto)—Apezar de toda a boa vontade, de que dispomos cá em casa, não nos é possivel publicar seus versos.

Que o senhor é principiante logo se vê

Não conhece metrificação, offende desapiedadamente a grammatica e para obedecer á exigencia da rima, emprega uns modos de dizer as cousas, que não exprimem nada do que o senhor parece sentir, quando pensa em sua adorada — *Alzira* —

Amei-te como nunca se amou no mundo

é um hendecasyllabo bem desenvolvido, benza-o Deus! E não é este o unico entre os oito que se encontram em sua poesia.

Esse immenso torrão que tão IMUNDO

é hendecasyllabo, mas. . . termina de um modo deploravel!

Transcrevemos estes dous versos para mostrar-lhe os pontos em que revelou o senhor não conhecer metrificação nem grammatica.

Quanto á sua *manière de dire*, eis como se exprime o senhor, referindo-se a ella:

Lembra-me a linda venus que ***FLUTUA***
E vae de encontro ao sol

Na occasião em que a *passagem de Venus* pelo disco solar tornou-se mania universal e . . . imperial, esses seus versos valeriam muito, muito. Mas hoje. . . garantimos-lhe que o senhor não os impinge por dez reis de mel coado.

E um pouco adiante acrescenta o senhor:

. . . . mulher tão bella,
Transformada em estatua de donzella
QUE DESPONTOU NO ARREBOL

E' um astro de nova especie, muito bonito mesmo e, si a moda pegar, a ninguem mais do que ao senhor caberá o *brevet d'invention*.

Em summa, *Alzira* é uma poesia mal feita no fundo e na fórma, e publical-a seria, fazer-lhe mal, denunciando-o a todos como um poeta cheio de incorrecções.

Vá estudando e, si não é pretencioso, venha visitar-nos de vez em quando, que estaremos sempre a suas ordens.

Sr. Silva Tavares. O *porque* sahio.
Só se foi no seu . . . Vai outro, e verá.

Não de 1ore muito em apparecer

O DOMINGO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Propriedade e Redacção de Jorge Rodrigues e José Braga

Preço da assignatura:

Para a cidade--6$ por anno; 3$ --- por semestre.
Para fóra só se acceitam assignaturas por anno--6$.
Numero avulso 200 reis.